

Officina de composição
e impressão de
MANUEL HOMEM DE C. CHRISTO
Rua d'Arnellas
— AVEIRO —

POVO DE AVEIRO

AVENÇA

SEMANARIO REPUBLICANO

AVENÇA

PROPRIETARIO E DIRECTOR
MANUEL HOMEM DE C. CHRISTO
Redacção e administração
Rua d'Arnellas
— AVEIRO —

Numero 525

AVEIRO—Um anno, 1200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1390. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2580. Semestre, 1250 réis (fortes).

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 60 réis. Anúncios, cada linha, 30 réis. Repetição, 20 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.

10.º Anno

POVO DE AVEIRO

Dois dias mais que os calculados por nós, de demora na chegada da machina, fizeram com que ainda hoje não podesse sair o novo Povo de Aveiro. Mas será no proximo domingo, definitivamente. E dizemos definitivamente porque já está em Aveiro a nova machina e já está a montar-se nas nossas officinas. Portanto... acabou o enguigo. Custou mas chegou. Acabou o enguigo. Os progressos do «Povo de Aveiro» são vistos com «odio ferroz» por muita gente. Mas não ha remedio sendo ter paciencia. Tenham paciencia, meus senhores!

Nunca jornal algum conquistou mais honestamente o seu triumpho. E nunca, não só porque, jamais, se praticou aqui o menor «acto de chantagem», não só porque, jamais, a tanto por linha, em communicações ou sem ser em communicações, Leandros, Companhias de Tabacos ou de Phosphoros, quer dizer, a especulação ou o crime, publicaram nestas columnas as suas accusações contra a especulação e o crime, ou as suas simples defesas, como, nem sequer, se escreveu aqui, jamais, coisa alguma, UMA PALAVRA, no sentido de captar as boas graças do leitor.

Aqui, onde não ha noticias pessoas, assignantes ou amigos que chegam ou que partem, de robustos meninos paridos pelas castas e virgens esposas dos nossos assignantes e amigos, dos exames brilhantes dos talentosos filhos dos nossos assignantes e amigos, escreveu-se SEMPRE, UNICAMENTE, o que a razão e a consciencia, ou os sentimentos, emfim, bons ou maus, d'aquelle que desde o primeiro numero d'este semanario redige o «Povo de Aveiro», lhe dictaram. Essa consolidação, temo-la. A da mais absoluta, a da mais altiva independencia. Nunca se adu-lo aqui nem rei, nem pino. Nunca teve força aqui nem caciçue politico, nem chefe de facção, NEM NINGUEM. Os amigos poder-se-hão queixar de ter levado tapona muita vez. Poder-se-hão queixar, até, d'injustiças n'esse ponto. Toda a gente se poderá queixar de asperezas, de durezas, de reprimendas desabridas, de brutalidades. De blandicias, de servilismos, de lisonjas, NINGUEM. E do mal o menos. Se é mau ser arrastado ao impeto da colera ou da violencia até á injustiça, é cem vezes peor recalar a voz da verdade e da justiça para rastear aos pés de quem dispõe de graças, d'influencia, ou de dinheiro.

Jamais! Isso, jamais! A'quillo pode-se chamar uma exaltação, um arrebatamento. Até maldade, se quizerem. A isto chama-se uma degradação, uma pulhice, uma vileza.

Trovejam contra nós, como trovejaram sempre, n'este instante, os republicanos. Pois nem esses tem razão. E nem esses tem razão, e não tem mesmo nenhuma razão, porque, como já d'outras vezes temos demonstrado e como de novo, hoje, n'outro lugar d'este jornal, o demonstrámos, são velhos, muito velhos, os nossos ataques ao partido republicano e formulados com tanta violencia como hoje os formulámos. Não passámos agora a atacar os republicanos por despeito, nem por especulação de qualquer ordem. Atacámos-os violentamente desde 1884 até fins de 1890. E em janeiro de 1891, embora já muitas vezes, até então, accusado de «traidor, d'agente da monarchia, de vendido ao governo», fomos eleito membro do directorio do partido. Logo, os republicanos justificavam a nossa attitudão. Logo, os republicanos reconheciam, implicitamente, a razão que nos assustava! Logo, os republicanos, confessando-se, de forma tão solemne, uns vis calunniadores, confessavam ao mesmo tempo, d'uma forma cathgorica, a honestidade da nossa conduta.

Em 1891, veio a revolta do Porto. E a nossa attitudão em face d'essa revolta levantou contra nós, voz em grita, a tirba multa partidaria. Fomos accusado, novamente, de traidor, d'espiao, de agente da monarchia, de vendido ao governo. Mas, tendo-nos despedido do directorio e do partido, tendo declarado, em vezes, publicamente, que, sendo republicano, não pertenciamos, todavia, ao partido republicano, SEMPRE o partido republicano, persistindo em nos considerar membro do seu gremio, nos convidou OFFICIALMENTE para todos os seus congressos. Sempre, OFFICIALMENTE, nos quiz ouvir e consultar em todos os seus actos solemnes. Se nunca o conseguimos foi porque nós, INABALAVELMENTE, persistimos em declarar que, sendo republicano e democrata, não pertenciamos, comtudo, ao partido republicano.

Em 1903, 1904, 1905 foi o «Povo de Aveiro» exaltado por quasi todos os jornais

do partido republicano. Os nossos artigos eram constantemente transcriptos pelos «Debates», «Voz da Justiça», da Figueira, a «Semana Alcobacense», d'Alcobaca, a «Resistência», de Coimbra, a «Democracia do Sul», de Montemor-o-Velho, emfim, por toda a jornalada que hoje volta a ladrar-nos aos calcinhanes. Quando não eram transcriptos, eram citados. E sempre engrandecidos, exaltados. Nós eramos o «guia espirital» dos que nos tinham chamado «traidor», «veadido», agente da monarchia», e dos que hoje nos chamam, outra vez, «... traidor, vendido, agente da monarchia e...» «desqualificado».

Para completar, sabem todos os leitores como Bernardino se atravessou no nosso caminho quando foi do incidente com o ladrão do Affonso Costa e como o directorio persistiu em nos dar, entre os seus, «... categoria de marechal».

O partido republicano não pode abrir a bocca contra nós. Não tem autoridade para nos censurar. Nós é que a temos, toda, para o estigmatizar.

Nós é que a temos, toda, já porque sempre o combatemos, sempre, nos seus erros e nas suas immoralidades, e com a mesma violencia de que usámos actualmente, embora seja cada vez maior, contra elle, e por culpa d'elle, a nossa má vontade, já porque nunca commetemos, como commettem os seus marechais, e de ha muito, e de sempre, a cada passo, um acto que prove falta de fidelidade aos principios democraticos, que sempre professámos.

Era indispensavel dizer isto mais uma vez, hoje, que o «Povo de Aveiro» encerra a sua antiga phase. Poderiamos, seguindo as praxes, diz-lo no numero «novo», o immediato. Preferimos diz-lo hoje, ao despedir-nos do «nosso velho material». Este velho material, que é, talvez, a unica coisa que, na vida, não nos tem atraído! E que abandonamos, por isso mesmo, com verdadeira saudade!

Vamos apparecer janota, e custa-nos, porque fomos sempre a antithese do janotal! Vamos apparecer com typo allemão, com material allemão e francez, com machina allemã, emfim, estrangeirado. E quasi que nos sentimos auctor d'um sacrilegio. Quasi que temos medo de ficar, como tudo n'esta terra, «... desnationalizado! Parece-nos que se nos vae um bocado d'esta alma tão querida, a alma nacional!

Emfim... não ha remedio. Os leitores assim o quizeram. Forçou-nos a grande corrente estabelecida em favor do «Povo de Aveiro». Alea jacta est!

Seja assim, Alea jacta est! O «Povo de Aveiro» vae-se tornar como que uma grande empresa industrial. Mas temos em nós a bastante confiança para podermos afirmar que nunca, nunca, o industrialismo penetrará na nossa alma. Nunca!

Consola-nos este triumpho. E', verdadeiramente, o triumpho da justiça. E', verdadeiramente, o triumpho da verdade. Triumphámos sósinho. Sósinho! Contra tudo e contra todos. E n'uma refrega continua, n'uma lucta accessa, na mais accidentada vida moral que homem publico tem tido n'esta terra. Consola-nos isso. E consola-nos... porque... nunca fraquejámos. Esta penna nunca se vendeu. Esta penna nunca, nem em pouco nem em muito, trafeu. Esta penna nunca accetou imposições de partidos, de homens, de ninguém. Ah, que este grito ninguém o pode abafar! Esta auctoridade ninguém no-la pode contestar! Digam tudo contra nós. Tudo o que quizerem! Nunca poderão dizer: 1.º que fomos um traficante politico ou um traficante de jornal; 2.º que fomos um parasita politico ou um parasita de qualquer ordem. Nada devemos á monarchia, nada devemos á republica. Nada! Nada devemos a partido nenhum. Nada! Nunca mendigámos um emprego publico, um talher á mesa do orçamento. Nunca! Tivemos um lugar official, conquistado nas escolas publicas, em nome da lei. Esse, depois de perseguições continuas, de prejuizos materiais constantes, da parte de republicanos e da parte de monarchicos, roubaram-nolo republicanos e monarchicos. Estavamos velho e doente. Nem assim quizemos abdicar.

Era natural que succumbissemos. Não succumbimos. E não só não succumbimos como triumphámos.

Agradecemos á Justiça e agradecemos á Verdade.

Servindo os principios democraticos, os de toda a nossa vida, esta patria, pela qual sempre tivemos o mais profundo affecto, amparados na Justiça e na Verdade, sem outro programma e sem outro rumo, continuaremos... trabalhando. E hoje, que o «Povo de Aveiro» constitue uma força, podemos diz-lo, de primeira ordem, com mais efficacia e com mais successo do que nunca.

Alea jacta est! Mas em nome da Justiça e em nome da Verdade!

LICCOES DE HISTORIA

Curar com uma revolução liberal um paiz estragado — como dizia o Frei Diniz das Viagens na Minha Terra de Almeida Garrett — é sangrar um tysico: a falta de sangue diminua as ancias do pulmão por algum tempo, mas as forças vão-se, e a morte é mais certa.

Este frade não representava, afinal, não diremos que a absoluta descrença, mas a falta de creença d'Almeida Garrett na sua propria obra.

Quanto ás doutrinas constitucionaes, não as entendia, e protestava que os seus mais zelozos apóstolos as não entendiam tam pouco: não tinham senso-commum, eram abstracções de escola.

Isto dizia o frade. E Almeida Garrett commentava: «Agora, do frade é que me eu queria rir... mas não sei como.»

Mas não sei como!

O chamado liberalismo, esse entendia elle: reduz-se, dizia, a duas coisas: **duvidar e destruir por principio, adquirir e enriquecer por fim**; é uma seita toda material em que a carne domina e o espirito serve; tem uma força para o mal; tem verdadeiro, real e perduravel, não o pode fazer.

O frade continuava, sem que Almeida Garrett soubesse como rir-se d'elle:

Dos grandes e eternos principios da Igualdade e da Liberdade dizia: «Em elles os praticando deveras os liberaes, faço-me eu liberal tambem. Mas não ha perigo: se os não entendiam!»

Em elles os praticando deveras faço-me eu liberal tambem! Attendam os leitores, que é interessante.

Mas não havia perigo de os virem a praticar deveras. Se os não entendiam!

Theophilo Braga, no seu volume Garrett e os Dramas Romanticos, confirma, com trechos de cartas, o estado d'animo de Garrett sobre o liberalismo e o futuro do liberalismo, esse estado d'animo que tão eloquentemente se manifesta nas Viagens na Minha Terra.

Em 8 de junho de 1837 escrevia Garrett a Gomes Monteiro confessando-lhe: aborrecimento e fastio de todas as cousas d'este mundo, péco de trabalho zanguento e **desanimado**, e incapacidade d'ahi resultante para tudo.

«Ha quasi um anno que ainda antes de creada a benefica instituição de Manuel Passos — o Pantheon — já eu tinha feito aqui (no Pateo do Pimenta) em um buraco debaixo quasi da terra, uma especie de lura de coelho, o meu Pantheon d'ahi, onde vivo com quatro livros velhos... cultivando o agradável nojo que tenho tomado a quanto se faz, sobretudo na nossa terra de Portugal. Sahi, apesar d'isso a periodizar sem esperança nenhuma de fazer bem. E não me enganei. Fiz-me depois **palrador** em S. Bento, onde cuidei ao principio que algum se poderia fazer. Enganei-me. Mas já me desenganei e não palro. A prosa é cousa insignificante, meu amigo; e estou com muita vontade de tornar aos versos. Mas d'onde me ha de vir o animo?

Por ora e en attendant não faço nada; tenho um quintalejo em que me entretenho, cultivando flores; e é hoje a unica cousa a que tenho algum apêgo.»

Em 5 de março de 1842 escrevia a Silva de Abreu:

«Grandes cousas se passaram depois que aqui fallámos. Deus as faze bem. Desejo-o, sem o esperar, porque desesperei de mim e da nossa terra portugueza.»

Escrevendo ao mesmo, em 18 de maio do referido anno, concluia:

«Isto não é terra de gente, nem o ha de ser nunca.»

Nem o ha de ser nunca!

Scepticismo, como diziam? Não, responde Theophilo Braga e responde bem. A obra d'Almeida Garrett é sublime de fé.

Não era scepticismo. Não era mesmo convicção, porque, se o fosse, não haveria fé. Era uma duvida. Sobretudo, um presentimento.

Theophilo Braga, e n'isso é verdadeiramente inferior, attribue esse estado d'animo d'Almeida Garrett, e toda a esterilidade portugueza da epocha, á dissolução dos caracteres produzida pelo constitucionalismo. Um palavrão muito de Theophilo Braga, esse da dissolução dos caracteres. Mas um simples palavrão, e nada mais.

N'isso é Theophilo Braga d'uma grande inferioridade. Attribuir tudo á influencia do regimen, sendo ao mesmo tempo Theophilo Braga um dos mais formidaveis agentes da dissolução dos caracteres a apoiar calorosamente, decididamente, a tremenda especulação republicana, não é d'um homem de sciencia e nem sequer d'um homem de talento.

Isto dicto sem a menor animosidade, sem o menor proposito agora de deslustrar ou deprimir. Apenas em virtude d'uma convicção inabalavel. Não ha um unico espirito superior n'este triste periodo da historia portugueza. Accusemos d'audacioso, ou de pedaço d'asno ao dizer isto. Como queiram. Estou mais do que nunca resolvido a assumir a responsabilidade, toda a responsabilidade das minhas palavras. Motivo algum me levará, já agora, a occultar o meu pensamento. Quando pensar hei de dizer o que penso.

Não ha, não tem havido, um espirito superior n'este triste periodo da historia portugueza. A nossa superioridade é de forma. Não é de pensamento, nem de acção. Magnificos poetas, magnificos jornalistas, magnificos escriptores, magnificos oradores, mas... magnificos pela forma, nunca magnificos pelo pensamento. Nem pela acção. No pensamento, mediocres. Na acção, pusillanimes ou prostituidos. E' uma triste verdade. Mas é uma verdade.

Não era scepticismo em Almeida Garrett, não. Era a lição da experiencia, dando n'elle os resultados que deu em todos os homens verdadeiramente illustres d'esta terra.

«Quero que o meu corpo seja sepultado no cemiterio da ilha do

Corvo, a mais pequena das das Açores, e se isto não poder ser por qualquer motivo, ou mesmo por não querer o meu testamenteiro carregar com esta trabalhadeira, quero que o meu corpo seja sepultado no cemiterio da freguezia da Margem, pertencente ao concelho de Gavião; são gentes agradecidas e boas, e gosto agora da ideia de estar cercado, quando morto, de gente que na minha vida se atreveu a ser agradecida...

Assim começava o testamento de Mousinho da Silveira, feito em 12 de março de 1849. E pelos trechos seguintes concluia:

«Servi o meu paiz em boa fé e em diferentes logares, e por muitos annos, e Deus queira que o meu filho, ou a minha mulher, tirem d'este serviço algum proveito. — Sahi dos empregos por ser fiel á Carta, e a Carta veio e eu fiquei peor que os infieis; os meus inimigos foram aquelles, que não querem a verdade e que preferem a tudo a phantasmagoria; e desgraçadamente o mundo nos meus dias requeria gente que não tivesse fé em nada, para poder fingir que a tinha em tudo. — Cuido que depois de morto virá o tempo de me fazerem justiça, e que o meu nome não ha de envergonhar o meu filho. — Deus me ajude em vida e me salve a alma.»

Que formidavel condemnação da raça portugueza! Como essas palavras do grande homem, certamente, dos modernos, o unico grande homem authenticamente, do grande homem que lá ficou, esquecido, na Margem, entre a pouquissima, a rarissima gente que se atreveu a ser agradecida, do grande homem que não tem, por esse paiz que consagra as ultimas mediocridades intellectuales e as ultimas vilezas moraes, um unico monumento a attestar, quando não fosse o reconhecimento d'um povo bestial, ao menos a intelligencia de meia duzia de homens influentes no que se chama governo ou opinião publica, como essas palavras do grande homem, na sua amarga melancholia dizem tudo!

Mas esse foi o estado moral dos poucos homens de valor que surgiram com o constitucionalismo. Passos Manuel, como se sabe, morreu em Santarem, descendo de tudo. Descrente, como Passos Manuel e Mousinho, e cheio de melancholia, como elles, morreu, muito mais tarde, Herculano, solitario, em Val-de-Lobos.

Completo — dizia elle ao findar o prefacio da 3.ª edição da sua Historia de Portugal — completo com o resto da historia das instituições primitivas da monarchia, como é minha intenção torna-lo, este livro apenas significará uma saudade desfolhada ao pé de uma sepultura. Digo-o, porque não espero nem quero dos vivos nem agradecimento nem recompensa, supposto que estes volumes o merecessem ou valessem. Recompensa tive-a inteira no affecto da mais nobre e mais pura alma que encontrei na terra. Oxalá que, nesta pia peregrinação de um espirito até á beira de um tumulo, o romero não deponha descoroçoado o baculo, ou não adormeça do grande sonho da morte antes do voto cumprido.

Soriano não tem o valor de qual-quer dos que ficam referidos. Mas é, por assim dizer, o typo do liberal classico. Foi o constitucional por excellencia. O amante, o carola, o genuino partidario. Ora vejamos o que elle diz no ultimo capitulo da sua obra: *Revelações da Minha Vida*:

Nada hoje me commove agradavelmente em politica, se é que tudo me não aborrece,

ou desagradavelmente me não impressiona em semelhante assumpto, por causa do que nelle ouço, vejo, e reconheço. Da minha antiga credulidade e boa fé cahiu n'um estado do mais extraordinario scepticismo, crente, como hoje estou para mim, de que os sentimentos de orgulho nos homens de ambição, nascidos nas obscuras fileiras do povo, de que aliás queriam sair para os campos da gloria e do poder, foram as verdadeiras causas do seu amor e refalsado zelo pela liberdade. Perdi sobre tudo a minha fé na liberdade excessiva, que nos meus verdes annos tamanho imperio tivera sobre mim, pela ter reconhecido como uma pura utopia, e os seus sectarios como os mais refinados hypocritas politicos, como homens que á sombra della, e escaurecendo della, nada mais tem feito do que desgragar o paiz, locupletando-se o mais que podem. Esta é a pratica dos annos: as theorias fiquem-se com ellas essas visionarias de gabinete, se alguns ha de boz neste ponto, que mais são para fazer d'ou, do que para imitar e seguir. A esta miseravel situação me tem levado a mim, e a muitos outros dos meus antigos companheiros de epigração e de crenças politicas os proprios liberaes mais votados á causa do progresso, e da igualdade e fraternidade republicana. Estes homens embalarão-nos com tão fauceiras esperanças sobre estes pontos; prometteram-nos o goso de tantas delicias; premeditaram-nos tantas honras ao merito, tantos respeito á lei, tantos acatamentos á virtude, e tantas apothoses ao patriotismo; affiançaram-nos tanta igualdade e fraternidade, sem distincção de classes, nem jerarchias; garantiram-nos tantas disposições na lei em favor da soberania nacional, que davam como fielmente representada na corte, sem sophismas, nem enredos eleitoraes e cluisticos; asseguraram-nos tanta fiscalização, e economias nos dinheiros publicos; proclamarão-nos tanta moralidade e justiça, sem distincção de classes, em troca da antiga corrupção e venalidades dos governos despoticos, e finalmente aturdiram-nos com tantos acatamentos á superioridade do talento, tantos selos pela causa publica, e tantas pundonoros, e brios pela honra e independencia da nação, que era quasi um impossivel moral poder resistir a este paraíso de delicias, a esta seducção de promessas, e a este encanto de garantias; mas esse seculo de Saturno, e esse jardim das Hesperides, segundo o que a dura experiencia do governo representativo nos tem feito conhecer na pratica de quasi trinta annos devolutos porque tem governado o paiz, é um formal desmentido a tudo quanto fica dicto.

Esse seculo de Saturno, esse jardim das Hesperides é o que os republicanos agora esperam da republica, como os constitucionales então esperavam do constitucionalismo. E—parece impossivel—é dos crentes no seculo de Saturno e no jardim das Hesperides da republica o sr. Theophilo Braga! E não havemos de dizer que o sr. Theophilo Braga está muito longe de ser um homem superior!

Bernardino Machado será como presidente da republica tão pessoal e tão auctoritario como foi D. Pedro IV. E o bando do Affonso Costa triumphará tão facilmente dos poucos homens honestos da republica como o bando do Rodrigo triumphou dos poucos homens honestos do constitucionalismo.

Comparando bem, a republica tem muito menos elementos de resistencia do que tinha o constitucionalismo. Esta é a grande verdade historica. O constitucionalismo tinha Mousinho da Silveira, tinha Passos Manuel, tinha José Estevão, tinha Sá da Bandeira e muitos outros homens de talento e prestigio para oppor ao bando dos corruptos. Atraz d'esses homens de grande valor intellectual e alguns de grande valor moral estava um partido de sinceras e generosas intenções. No entanto, tudo foi vencido. Por quem? Por D. Pedro IV? Por D. Maria II? Não. Pela falta d'um caracter e d'uma intelligencia no povo portuguez.

O sr. Theophilo Braga é d'uma estupenda mediocridade, d'uma mediania absoluta procurando o mal na monarchia. Nivela-se ahi com um Arthur Leitão ou com um Ribas d'Avellar. E', como Bombarda, collocando se n'esse terrero, não um homem de sciencia, ou de talento, mas um misero energumeno.

Quem tinha razão, quem tinha talento, quem via d'alto a situação, era o padre Diniz. Curar com uma revolução liberal um paiz estragado é sangrar um tísico.

Quem tinha razão, quem tinha talento era o padre Diniz. Não havia perigo dos liberaes praticarem deversas os grandes e eternos principios da Igualdade e da Liberdade. Se os não entendiam!... Era em 1843 que o dizia o padre Diniz. Pois eis ahi 1909 a collocar n'um pedestal de gloria o padre Diniz!

Quem tinha razão, quem tinha talento, quem via d'alto a situação era Almeida Garrett, ao escrever ao seu amigo Abreu, em 18 de maio de 1842: «Isto não é terra de gente, nem o ha de ser nunca.» Tinha razão. Pelo menos o anno de 1909 confirma o anno de 1842 e viria pôr Almeida Garrett, se este já não a tivera, n'uma cutra peanha de gloria, como ao padre Diniz.

Na verdade isto não é terra de gente, nem o ha de ser nunca. Almeida Garrett tinha auctoridade para falar mais brutalmente e pena foi que que o não fizesse. Não o levava para ahi o seu temperamento. Mas foi pena. Porque a phrase brutal tem sobre a delicada esta vantagem: define, não esquece, assignala, marca com ferro em brasa, fica para sempre. Isto não é terra de gente, não, e tambem nos vae parecendo, embora queiramos resistir a essa idéa, que não o ha de ser nunca. Isto é terra mas é, salvo seja, de grandes cavalgadas! Grandes poetas, grandes prosadores, grandes oradores? Não. Grandes cavalgadas! Isto seria terra de gente, sentiríamos essa esperança cada vez mais funda, se... fosse terra só d'analphabetos. Mas com esses grandes historiadores, esses grandes jornalistas, esses grandes romancistas, esses grandes oradores... ah, meu Deus, que tristeza! Grandes historiadores, grandes jornalistas, grandes romancistas, grandes oradores, não. Oh, não! Grandes cavalgadas. Se o não houvessem sido e se o não fossem teriam visto que uma coisa se antepunha n'esta patria a todas as coisas, que uma obra preferia n'esta patria a todas as obras: fulminar o espirito de bando, annullar o espirito de quadrilha, entorpecer a marcha do espirito de facção, para o que se tornavam indispensaveis dois trabalhos, um d'acção directa e immediata — combater vivamente e sem descanso, tirando-lhe auctoridade e prestigio, os mais perigosos quadrilheiros; outro d'acção indirecta e de effeito mais lento, mas seguro — levantar, n'uma obra methodica, persistente, tenaz, d'instrução, d'educação, o nivel intellectual e moral das multidões.

Ver grandes jornalistas, grandes oradores, grandes poetas põem todo o esforço da sua intelligencia em enfeitar a palavra, em architectar a phrase, deixando chocho o pensamento, em escreverem abertamente, uns, em o deixarem perceber claramente, outros, — quem vale a pena instruir o povo, que todo o mal vem do regimen, que no regimen está o substractum, a essencia, a quinta essencia do caracter e da intelligencia portugueza, que, mudado o regimen tudo apparece lucido como o menino entre os doutores e forte como Jesus em casa de Caiphás e no cume do Golgotha, ver Theophilo Braga vergastar Alexandre Herculanio, estigmatizar D. Pedro IV, apregoar e cantar a dissolução dos caracteres do constitucionalismo, para acabar por ser esteio do Bombardino e padrinho do Affonso, ver Guerra Junqueiro borrar de trampa a cara dos Braganças para acabar por caracterizar de salvadores da patria o Padua Correia, o Alfredo de Magalhães, o Henrique Cardoso e outros patriotas da invicta, ver Manuel d'Arriaga comprazer aos Ribas d'Avellar sem o nobre rompante, impeto a que nunca resiste uma verdadeira intelligencia e um verdadeiro caracter, de sacudir resolutamente uma quadrilha cem vezes mais funesta que a quadrilha do Rodrigo e d'outros bandidos constitucionales, e como estas destinadas a continuar a dissolução, peor, a prostituição do caracter nacional, ver Antonio José d'Almeida, e outros novos que realmente parecem inteligentes e honestos, gastar esforços, vida, fortuna, na triste illusão de que será sufficiente, para salvar Portugal, substituir pela republica a monarchia, de que bastará o advento do regimen republicano para purificar o Cunha e Costa, o França Borges, o Alexandre Braga, e outros bandidos que os chamados homens de prestigio transportam nas suas azas de che-

rubins immaculados, purifica-los e annullar a sua terrivel acção dirigente sobre a sociedade portugueza, ver isso, leva imperiosamente a concordar com Almeida Garrett: Isto não é terra de gente, nem o ha de ser nunca.

Nem o ha de ser nunca!

N'esta terra morreu a intelligencia. N'esta terra morreu o caracter. Quem nos dava a esperança de que n'esta terra ainda tudo se poderia salvar, de que n'esta terra ainda havia intelligencia e caracter, era o povo analfabeto, o povo rude e ignorante das aldeias, das villas, das cidades. Mas quem nos começa a trazer a convicção de que isto não é terra de gente nem o ha de ser nunca, de que n'esta terra morreu para sempre a intelligencia e o caracter, são precisamente os puros e os intellectuaes. São os Bazilios, os Camachos, os Almeida, os Junqueiros, os Theophilos, os Arriagas e os Caldas.

Que me importa a mim que Theophilo Braga tenha escripto muitos livros e seja tido por um sabio? Eu, olhando para o conjunto dos seus actos, das manifestações do seu espirito, para o modo de ser da sua propaganda, para a synthese da sua acção dirigente na sociedade portugueza, affirmo, na minha audacia de bruto: não é um homem d'intelligencia e não é um caracter.

Que me importa a mim que José Caldas conheça o latim, o inglez e o allemão, e saiba architectar e burlar os termos da lingua portugueza? Eu affirmo: não é Zé Caldas, é Zé Burro.

Affirmação de pedaço d'asno ou de estúpido? Pois seja. E' o mesmo.

VELHAS OPINIÕES

Do Povo de Aveiro, de 7 d'agosto de 1887:

Realisaram-se por inteiro as nossas previsões. Conheciamos de ha muito o caracter dos chefes republicanos e de ha muito que sabiamos que nunca os moveu o bem commun, os interesses da democracia e da patria na supposta luta republicana que haviam empenhado. Eram uns ambiciosos ridiculos, ridiculos, porque nem reparavam que lhes faltava talento, tacto e senso para encobrir as suas paixões que os guiavam! Eram uns torpes, sem as minimas noções de bruto e pundonor para terem remorsos de andar ludibriando a boia popular, a ingenuidade d'esses simples que, no amor cego pela crença republicana, no desvaivamento dos principios que adoravam, iam até cobrir de vituperios e calumnias, como succedeu com os que lhes diziam a verdade rudemente, os que não tinham contemplações nem transigencias com os seus ideolos, ao mesmo tempo que eram renitentes em cerrar os ouvidos á voz da razão e em fechar os olhos á luz da evidencia. Uns infames, que preferiam as machinações occultas com a sua monarchia á politica republicana de conciliação e de paz que tantas vezes aqui lhes propozemos, enquanto nos iam apontando como discolos e vendidos ao governo e a corja miseravel de carneiros que lhes aceitavam todas as perfidias e lhes applaudiam todas as misérias. Até que emfim! E' hoje que podemos dizer com o maior desassombro, com a maior firmeza, com a maior verdade: OS VENDIDOS SÃO ELLES! Vendidos, e malditos da consciencia publica!

Miseraveis, que não temos apostrophes bastante violentas para vos arremear a esse rosto de lama! Biltres, que andastes ahi calumniando todos os homens honestos que vos percebiam o jogo, para ajolhardes no fim aos pés do throno que tanto enlameastes! Miseraveis sois e miseravel, e degradada, e pulha, como vós, é parte d'essa plebe ignara que, não contentes de transmitir a vossa baba aos poucos e raros caracteres elevados que vos expozeram as pustulas, ainda leve vinte votos para vos sancionarem a evolução infamissima para o sr. D. Luiz de Bragança. Vinte votos. Houve vinte delegados de gremios e jornaes ditos republicanos que approvaram a fusão, e n'outra parte provámos que é uma verdadeira fusão, a fusão do seu partido com o grupo immoral e devasso do sr. Barjona de Freitas. Vinte votos! Oh suprema irritação e suprema vergonha! E andamos nós aqui ha dez annos a sacrificar a nossa mocidade, a nossa saúde, as nossas aptidões, o nosso dinheiro e o nosso tempo pela regeneração d'esses parias, d'esses escravos, d'essa raça desprezível que não merece senão a albarda que lhe distribuiu o sr. Marianno de Carvalho e o chicote dos agentes do autoritarismo monarchico. Dez annos de luta, dez annos d'esperança, dez annos de trabalho insano, para chegarmos á solução barjonacea republicana que se nos apresenta n'frente! Não de concordar que faz nojo.

Faz nojo, é o termo! Nunca escrevemos nenhum artigo com menos irritabilidade e mais tranquillidade do que este

Resalta-nos o tédio de cada palavra. Paramos de tres em tres linhas com um aborrecimento profundo. Não é o cansaço pela luta que nos invade n'este momento. Não; é o mais profundo desprezo. Pois que? Pois nós, guerrilheiro da ultima tenacidade, atirador feroz e sem treguas, que nunca furtámos o peito ás balas do inimigo nem receámos a sevillhana fadista com que nos procuravam as costas, nós que achavamos alento no numero do inimigo, tanto mais encarnigado em o perseguir quanto mais numeroso elle se nos affigurava, haviamos de sentir irritabilidade por o vermos cahir no monturo, n'uma derrota ingloria e triste? Não; sabiamos tão fraco, tão covarde, tão pulha, tão reles, que seria até uma covardia não descaçar carabina. Vão-se, que a nossa missão torninhou.

Cem vezes vos causticámos as ulceras com ferro ardente. Mas a gangrena ia funda; o remedio foi inutil! Cem vezes erguemos a viseira deante de vós, chamando-vos a combate leal e singular. Fugistes sempre, porque fostes sempre uns grandissimos covardes. Não houve phrase sangrenta qua vos não cuspissemos. E sempre impassiveis, sempre cynicos, sempre indignos! O vosso silencio era a vossa condemnação. Calavam-se na imprensa, porque... nos desprezavam as diatribes. Tinham razão, eram coherentes uma vez na sua vida. Desprezavam o brio e a honra. E como não? Os que desprezavam as mais tremendas accusações por parte de quem se orgulha d'uma vida impolluta, eram os mesmos que desprezavam hoje todo um codigo de doutrinas democraticas, de affirmações republicanas, de reivindicaciones livres para cahirem aos pés do throno abraçados ao mais immoral dos homens e ao mais depravado dos politicos. Ide-vos, ide-vos com o Barjona de Freitas que ideis bem. Ide-vos, devassos, ide-vos, falsarios, que ideis em boa companhia. Ide-vos, e ainda bem que demonstrastes um passado de mentiras, que é a mais segura garantia do vosso futuro de trapaças. Ide-vos, que nós tambem nos vamos, mas para casa.

Para casa, agonizados d'esta turbamulta depravada em que nos envolvemos por desgraça. Porque não se esqueça a plebe de que as suas responsabilidades são tão grandes, como a d'esses apostatas, d'esses renegados que á ultima hora se converteram em levitas da realza brigantina. Não ouviu as nossas accusações documntadas e provadas, não porque seja ignorante, mas porque é má e depravada. Não fechou os olhos á luz da evidencia e não cerrou os ouvidos á razão, tanto porque fosse ingenua como porque estava desmoralizada e corrupta. Os povos teem os governos que merecem. Então, á vontade!

Sempre o dissemos: a nossa missão de combate terminava, ou no dia em que os chefes republicanos dessem ao partido a orientação de que estava carecendo, ou quando a verdade fosse tão evidente sobre as accusações que sustentavamos, que não restasse mais duvidas a ninguém. Restarão ainda, por ventura, apesar dos factos que se deram nos ultimos dias? Isto está lá podre, tão baixo a degradação, que é possivel. Embora; não queremos mais experiencias, nem carecemos de mais provas.

Sejam, por hoje, as nossas ultimas palavras as mesmas que escreviamos no n.º 491 do Povo de Aveiro, de 11 d'outubro de 1885:

«Quereis a nossa morte? Pois sim, ha de vir, mas ainda é cedo. Ha de vir para vivermos na santidade do lar, no doce remanso da familia, a regar as plantas e a podar as arvores, entre a creança que é boa e o campones que é ingenuo. Ha de vir para curtirmos amargas desillusões longe de vós todos, mais repugnantes e mais bestas de que o burro trabalhador e fiel do almocreve e o boi manso e paciente da lavoura»

Havia de vir e chegou. Mas antes de entrarmos n'esse adoravel jardim que nos espera, com licença, limpemos os pés no capacho da politica.

TRINTA & C.

«Para que todos vejão—diziamos nós no «Povo de Aveiro» de 15 de dezembro de 1907—que não é de hoje que combatemos os erros e os maus processos do partido republicano, para que todos vejão que não é de hoje que achamos detestavel a sua propaganda, e que se algum tem tido um objectivo fixo, um plano determinado na politica democratica portugueza e o tem sustentado com methodo, com energia, com coherencia, com perseverança, defendendo sempre os mais puros principios democraticos e clamando sem cessar contra a traição a esses principios, contra a apostasia e a immoralidade dos que no partido republicano dizem representa-los, para que todos vejão isso, os novos, que o não sabem, e os velhos, que já o esqueceram, começamos hoje a transcrever, ou, por outra, a repetir, varios artigos n'este semanario já publicados.»

Assim diziamos, e assim fizemos. Desde esse dia até 10 de maio de 1908, todos os domingos o «Povo de Aveiro», sob o titulo VELHAS OPINIÕES repetiu um dos antigos artigos do «Povo de Aveiro». O primeiro artigo repetido havia sido publicado n'este semanario em 22 de fevereiro de 1885. Ha vinte e quatro annos! O ultimo, em 4 de outubro do mesmo anno. Portanto, não era uma ou outra vez que nós vergalhavamos, então—ha vinte e quatro annos—os republicanos Era, como agora, todos os domingos! E assim continuámos sem interrupção.

Assim continuámos, como toda a gente pode ver da collecção do «Povo de Aveiro». Assim continuámos, sem interrupção. E, para prova, repetimos hoje, escolhido ao acaso, novo artigo, o que sahio em 7 d'agosto de

1887. Tinha-se realisado, n'essa altura, um congresso do partido republicano. Debateusem a «aproximação» com a esquerda dynastica, grupo destacado, depois da morte de Fontes, do partido regenerador. «Aproximação» para os sinceros. Mas verdadeira FUSÃO para os especuladores, que eram, como hoje, a grande massa do partido. Nós combatiamos a aproximação ou fusão. E publicámos o violentissimo artigo que vae hoje n'outra acção, tão violento como aquelles que escrevemos hoje. E, demais, os leitores o dirão.

Leiam, vejão, pensem, e no proximo domingo tiremos, contra o malandro que na «Democracia do Sub» investiu comnosco, os devidos corollarios.

E voltemos aos de Vizeu. Os de Vizeu não fazem differença nenhuma dos de Montemor. São em Vizeu, são em Montemor, são em Aveiro, são em toda a parte, os mesmos pulhas.

Os mesmos safadissimos pulhas. Os de Vizeu escreviam-nos:

«C. de V. Ex.ª—Vizeu: 28 | 1.º | 1903

Ill. mo Ex. mo Sr.

Tanto eu como minha mulher fazemos votos pela boa saúde de V. Ex.ª e Ex.ª.ª Familia e ás Senhoras apresentamos os nossos cumprimentos. Nada me auctorisa a importunar V. Ex.ª com um pedido: nada, senão o interesse da causa de que V. Ex.ª tem sido sempre um estremo defensor.

Deseja-se aproveitar o julgamento dos criminosos eleitores de Silgueiros e Ribafeita para abater deversas quem á sombra da democracia criou prestigio de que agora usa contra ella.

Convinha e mt.º para o caso conhecer os artigos publicados pelo Dr. Aff. Costa creio que no «Nortes» qd.º lhe roubaram a eleição; se me não engano, foi em 1899.

Poderá V. Ex.ª arranjar-me os n.ºs desse jornal? E' um grande favor, que mt.º lhe agradeceréi.

Sem mais, ficando ao seu dispor, somos com subido respeito

de V. Ex.ª

mt.º adm.ºr cr.º ob.º»

Reparem os leitores e pasmem. Repare e pasmem. Oculamos o nome do signatario por uns restos d'attenção. E' possivel que o signatario não haja sido quem escreveu a local que o tal pasquim a «Beira» escreveu contra nós. Mas é redactor da «Beira». Mas é solidario na infancia. Como o é o outro malandro que nos mandava telegramma, aqui guardado como a carta que ahi fica, a declarar-nos a sua «solidariedade» contra os tropas de Coimbra, e que transfere agora a «sua solidariedade» para o Arthur Leitão, chamando-nos a nós «desqualificados».

E' possivel que o auctor da localinha não fosse o signatario da carta. Devia ter sido o «Pintamonos», um plantigrado, o classico plantigrado, um magnifico exemplar de regressão, corpo muito pequeno em plantas muito grandes, que jogam como patas d'urso quando poisan no chão. Devia ter sido esse plantigrado, hoje inimigo dos padres, inimigo «figadal», inimigo «eternos», depois... de ter andado por muito tempo a rastear-se-lhes aos pés e a lambes as sandalias ao bispo com a mira n'um logarinho de professor de Seminário. Hoje trovejando contra a dictadura de suborno e de sangues depois de ter apanhado, o austero paladino das liberdades! o logar de professor da escola industrial, ao dictador. Os bandidos, que são todos assim! Todos assim! Como que apanhados a ganchos, nos estergulhinhos, nas afurças, pesquizados pela infancia, pelo vicio, pelo crime, em todo o paiz! Formidavel colleção! A prova viva de que este paiz se afunda n'uma perversão immensa de caracter!

O auctor da local devia ter sido esse plantigrado, esse miseravel ando do corpo, da consciencia e da intelligencia. Mas o outro, o signatario da cartinha, foi cumplice. O outro é cumplice. E é-o ha muito tempo, pois não é já a primeira vez que a immundissima gazeta nos atira a baba suja. Então... erga as mãos ao céu e agradeça a Deus a nossa contemplação. Não lhe publicar o nome ja é bem bom.

Deseja-se aproveitar o julgamento dos criminosos eleitores de Silgueiros e Ribafeita PARA ABATER DEVERAS A QUEM A SOMBRA DE DEMOCRACIA CREOU PRESTIGIO DE QUE AGORA USA CONTRA ELLA.

Assim escrevia o auctor do celebre artigo da VOZ DA OFFICINA—outro orgão de malandros, e que malandros!—aqui transcrita ha tres meses, em 25 de maio do anno corrente. Sim, o artigo da «Voz da Officina», porque auctor da Carta e d'esse artigo são uma só e mesmissima pessoa.

Dirigia-se a nós sem outro interesse que o DA CAUSA DE QUE NÓS TINHAMOS SIDO SEMPRE UM ESTRENUO DEFENSOR. Dirigia-se a nós, PORQUE NÓS VERGALHAVAMOS, então como agora, ás mãos ambas, o LADRÃO, o FARCANTE, QUE SE CHAMA AFFONSO COSTA. Dirigia-se a nós a PEDIR-NOS ELEMENTOS contra o ladrão, contra o fargante do Affonso. Nós ficámos onde estavam. Elle... appareceu thuribulario do ladrão, do fargante que ERA PRECISO ABATER DEVERAS PARA NÃO CONTINUAR A USAR CONTRA A DEMOCRACIA DO PRESTIGIO QUE A SOMBRA D'ELLA ADQUIRIRA. Elle... é agora solidario com o ladrão, com o fargante, que ia a Vizeu defender os criminosos eleitores de Ribafeita e Silgueiros. E nós... somos um «desqualificado», por termos usado continuado a ser o ESTRENUO DEFENSOR DA CAUSA que então nos dava honra e valor.

O patria! O cloaca maxima! O cloaca maxima! Mas nós te vingaremos. Oh, nós te vingaremos. Não zangou este braço, nem este cerebro. Nós te vingaremos, abrindo um golpe no coiro cabeludo d'estes miseraveis, d'estes prostitutos, d'esta vergonha, não só

tua, patria, mas de toda a humanidade, e esgaçando até aos pés.
Nós te vingaremos!

De Nenhures

20 d'Agosto

Agora outra censura: que embirrei com a mulher, que combato a mulher porque embirrei com a mulher, que sou inimigo da mulher. Ah, meu amigo, que não cessa de ser má esta grande besta humana! Veja o meu amigo: eu a contrariar aspirações cuja realisação pessoalmente me interessava! Tanto me interessava! A ninguém, n'este instante, poderia, sob todos os aspectos, dar mais vantagens, mais liberdade, mais interesses! Eu a dar provas, como as tenho dado toda a vida, da maior abnegação! Eu a sacrificar os meus interesses áquillo que reputo de interesse geral! Eu a pôr a justiça, a verdade, ou aquillo que considero justo e verdadeiro, acima de todas as considerações de egoismo e melindre pessoal! E a dizerem-me: você combate a mulher porque embirrou com a mulher!

Ah, meu amigo, a grande besta humana! Sempre a mesma! Sempre, em todas as phases da evolução, com todos os regimens, em todas as circumstancias através do tempo e da historia! Eu combato lá a mulher! Eu digo sobre a mulher o que disse toda a vida. Eu combato a mulher pela forma porque sempre a combati. Hoje como hontem! Agora como ha dez, ha vinte, ha vinte e cinco ou trinta annos!

Eu combato lá a mulher! Eu combato a asneira. Eu combato o vicio. Eu combato o egoismo, o feroz egoismo, que quer entrar subrepticamente no seio da familia e da sociedade.

Eu não sou tolo, simplesmente. Eu não me deixo, apenas, ludibriar. Eu posso ir pela rua, meu amigo, e não supor que está um bandido á minha espera para me dar, ao voltar d'uma esquina, uma facada. Eu posso ter em casa uma creada que me roube, que me envenene, que me abra a porta, de noite, enquanto durmo, para *sahir* ou para *deixar entrar*. Eu posso ser victima de todos os logros, de todas as traições, de todas as infamias, na hypothese natural—não pode haver outra—de que não estou tratando com desavergonhadas ou malandros. Na ignorancia de pessoas e de factos. Mas nunca quando se põe deante de mim uma these, um problema, um homem, um facto sobre o qual eu tenho dados para me pronunciar. Nunca! Então fala a minha razão, accordada. E quando se diz razão diz-se consciencia, diz-se caracter, diz-se dignidade.

Não, amigo, escusa de vir para cá o egoismo, o vicio, o crime, e o vicio e o crime foram sempre de um egoismo feroz, embrulhado na capa da liberdade a offerecer-me pilulas de civilisação.

Ahi é que se quer ver quem é tolo e quem é experto. Não da expertise do rato. Mas da expertesa da intelligencia solida e clara. Ahi, que o problema está posto com diffarece, mas com todos os dados para a intelligencia poder ver e o caracter se poder pronunciar.

Aprego-me o divorcio como elixir de salvação? Como meio infallivel de estabelecer a moralidade e a concordia na familia, a ordem na sociedade? E eu digo: bem sei; remedio de carecas, vidrinho fechado—cuidado com as imitações e com as falsificações!—para curar nevralgias, tirar dores de dentes n'um segundo e limpar todas as nodoas.

Eu conheço esses talismans... das magicas. Ha quantos annos! Eu conheço das praças publicas, desde que comecei a ver e a ouvir, esses remedios milagrosos.

E acredito. Acredito piamente. Mas desde que se comece pelo principio, pela cura do tratante que apregoa e exalta o milagre.

Essa é que é a questão, meu amigo. Para mim a questão é essa. Pois o amigo nunca fez a si pro-

prio essa elementarissima observação?

O que é que o fez ao senhor serio, e o que é que fez d'esse, que está em cima d'um banco, d'um estrado, ou d'um carro, na praça publica, um grande pantomineiro? O que foi, amigo? Esse segredo é que nós queremos. Porque n'elle é que está a grande questão!

O que o tornou ao senhor incapaz de ser assassino, incapaz de ser ladrão, incapaz de ser mentiroso, de ser falso, de ser doble, e o que deu a outros tamanha facilidade para o vicio, tamanha tendencia para o mal?

Porque ha mulheres prostitutas, que nascem prostitutas, que se tornam com immensa facilidade prostitutas, e porque ha outras que por coisa nenhuma se tornam prostitutas?

Porque ha mulheres que são hystericas, e porque ha mulheres que nascem e morrem sem terem sabido o que é isso de hysterismo?

Porque ha homens e mulheres de genio *insupportável*, impulsivos, e porque ha homens e mulheres calmas, serenas, regradas, na acção e na palavra?

Eis a questão, meu caro. A questão capital. Quasi que se pode dizer: a unica questão. E quem se esqueceu d'ella para ir buscar a cura aos vidrinhos que se apregoam nas praças, nos jornaes, nos livros, ou nos parlamentos, porque o pantomineiro tanto arma barraca ou põe tripeça na praça publica como no *santuário das leis*, é tolo, meu amigo, é tolo. Desculpe, mas é tolo.

Pois ha de ser o divorcio—e o que se diz do divorcio diz-se do amor livre, diz-se de todos os *elixires de salvação*—que ha de curar o hysterismo, a tísica, o mal do fígado, o nervoso ou as escrofulas? Diga lá! Mas enquanto não houver meio de curar a serio o hysterismo, enquanto não houver meio de curar a serio o mal dos nervos ou do sangue, não ha saude physica, nem moral. Nem moral! Porque o meu amigo pode dizer-me que ha hystericas muito honestas e nevroticos ou biliosos muito dignos. Ha, sim. Mas o que a experiencia mostra, e o que mostra a razão—não falo na sciencia porque eu não sou homem de sciencia nem cheguei nunca a comprehender o que é sciencia—mas o que a experiencia mostra e o que mostra a razão é que as duas coisas, o physico e o moral, e o intellectual, se conjugam intimamente. Como? Porque meio? Porque processo? Mystério! Eis o mysterio! Eis a questão! E eis o caso!

Mas não ha meios, ao menos, de attenuar o mal? Ha. Mas são meios preventivos. E os meios preventivos, não esqueça, tanto levam a evitar que um homem escoregue na rua n'uma casca de laranja, como levam a cortar um braço, á força, e um hospital d'alienados, ou á penitenciaria. Não esqueça. Tão falliveis e contradictorios são os meios preventivos!

Os meios preventivos são um palliativo. São uma cataplasma. São a forma d'illudir a nossa ignorancia. Não resolvem nada.

Exalta-se muito a cirurgia. Cae-se de admiração deante da cirurgia. E eu li uma vez que a *cirurgia era a vergonha da medicina*. Ri-me. Achei-lhe graça. E razão. Porque tambem tenho esta especialidade, meu amigo: nunca acho graça senão áquillo que tem razão. Um dicto, para mim, ou um acto, antes de ser espirituoso ou engragado ha de ter um conceito de verdade. Ou não tem graça.

Ri-me, achei-lhe graça. Na verdade, a cirurgia prova apenas a impotencia da medicina. O que seria preciso seria que o homem conservasse os seus musculos, os seus orgãos, as suas pernas, os seus braços. Não morreu. Mas ficou cego, coxo ou maneta. Mas arriscou-se a morrer... de complicações. Ou d'uma bebedeira... de chloroformio.

Eis os meios preventivos, meu amigo! Corta-se um braço a um homem n'uma cama operatoria, e corta-se-lhe a cabeça na guilhotina, ou faz-se-lhe deitar a lingua de fora,

um palmo, na forca. Eis os meios preventivos! Manda-se para a grilheta, mette-se n'um hospital de doidos e na penitenciaria. Eis os meios preventivos!

Sim, meu caro, nós temos os meios preventivos. Mas um dos meios preventivos, o maior meio preventivo, é exactamente fazer o que eu faço. E' dizer ao parvo: você não julgue lá que por se limparem da rua todas as cascas de laranja ficou livre de cahir e de quebrar as costellas. Você não julgue lá que por andar de barco está livre de ser comido por um tubarão ou de morrer afogado.

Os meios preventivos! Limpam-se as ruas de cascas de laranja, mas encerraram-se os soalhos. E quem não aprendeu a andar em soalhos encerrados, não escorega na rua, mas escorega n'um salão e quebra um braço.

Eu estava uma vez no Museu Antropologico da Universidade de Coimbra com um rancho de soldados. Um d'elles teve sede. Nas minhas costas, sem me pedir licença, sem eu raparar, aproximou-se de um grande vidro com torneira que estava na sala cheio... d'agua, abriu a torneira, encheu um copo e esvasiou-o d'um trago. D'ahi a instantes chamavam por mim outros soldados, gritando que o homem desfallencia, agoniado. O que succedera? O que fôra? O homem tinha bebido sublimado corrosivo. Não tinha bebido agua!

Eis ahi, meu amigo, eis ahi! O sublimado corrosivo é um bello meio preventivo. Oh, se é! Comtudo, mata.

Os salões encerrados são muito bonitos. E muito mais hygienicos que os salões tapetados. Comtudo, um homem escorega n'elles e quebra as costellas. Quer dizer, para que os meios preventivos, não constitua um perigo, não sejam mais perniciosos que beneficos, é necessario conhecê-los, isto é, que o homem esteja sobre elles instruido e educado.

Toda a civilisação é assim, meu caro. Todo o progresso impõe esse enorme encargo. A primeira condição de civilisação é educação. A primeira condição de progresso é instrucção. Admiravel, a electricidade. Ponha-a nas mãos d'um rustico, e verá! Os explosivos matam na guerra. Mas tambem destroem rochas, derribam morros, perfuram serras, abrem novos cursos d'agua e desviam mares. Ponha-os lá nas mãos d'um homem sem primeiro o ensinar a maneja-los!

Assim é o divorcio. Assim é o amor livre. Assim todas as conquistas da liberdade e da civilisação. O passaro não é livre, o passaro não voa, sem ter azas!

Nada resolve o divorcio, nada resolve o amor livre, nem o divorcio, nem o amor livre, nem coisa nenhuma, enquanto o homem, o grande enigma, permanecer, na sua natureza intima, na sua essencia, na sua contextura, na sua trama physiologica, um mysterio. Eu digo do homem que é illogico, que é desconexo, que é contradictorio. E'. Porquê? Porque é um enigma. Toda a sua falta de logica e de coherencia vem do seu mysterio.

Não haverá solução possivel, satisfactoria, completa, enquanto elle fór um enigma, enquanto subsistir o seu mysterio.

Mas ha meios preventivos? Ha. E' necessario, porém, usar dos meios preventivos conforme as circumstancias, a atmosfera em que se vive e as capacidades. A luz é uma bella coisa. E os estragos que a luz faz! O calor é o grande creador. E os terriveis effeitos do calor, em certos casos!

O chloroformio! Como elle é util! Como elle desinfecta! E como elle mata!

Cuidado! E' o que recomendo. Eu não faço senão isto, eu grito: eduquem os homens, eduquem, mas tenham cuidado. Não lhes ponham as mãos em cima da dynamite, não os deixem metter nos dentes nem chegar ao nariz chloroformio, sem os ensinarem primeiro a bulir na dynamite e a usar o chloroformio.

Que embirro com as mulheres! Qual embirro! Eu quero mas é que ellas não estoirem tolaemente como a dynamite mal usada, nem se inflamem como o alcool mal tratado. Eduquem-nas, e ponham-nas no seu logar. Não as entontecem com idéas disparatadas. Para ellas, como para os homens, não ha, por ora, remedio efficaz. Ha palliativos, ha meios preventivos, ha hygiene social. Saibam emprega-la, á hygiene social.

Eu estou aqui a escrever e a toda a hora a creada a dizer-me: *Senhor fulano, que quer que eu faça? Senhor fulano, é preciso assim e assado! Senhor fulano, não temos isto nem aquillo! Senhor fulano, ha pulgas, ha baratas!*

E eu ponho-me a pensar e a dizer: Eis o problema, na sua mais extrema simplicidade. Quando a mulher for homem, quem trata das pulgas e das baratas? Ou havemos de ser nós, ou hão de ser ellas. Isto é claro! Ou nós, ou ellas! Eu não posso ser escriptor e caçador de pulgas, ao mesmo tempo. Um officio exclue o outro. E não por aristocracia. A aristocracia não é agora para aqui chamada. Por aristocracia, não. Por absoluta impossibilidade de *acumular*. Não ha tempo. Mas, ou eu trabalho no meu gabinete e os ratos avançam, e as pulgas alastram, e as baratas dominam, e eu acabo por ser comido pela bicharada, ou eu atiro-me á bicharada, mas então tenho de mandar a penna para casa do diabo.

Pois quê? Pois então a mulher ha de correr mundo de manta ao hombro, como quer o outro, o bisborria do anarchista, á cata de macho, e o homem é que ha de ficar com os filhos ás costas e ainda por cima a catar as pulgas e a limpar a casa de baratas?

Pr'ó raio que as parta! Se é isso, que vão pr'ó raio que as parta! Catar pulgas por catar pulgas, que as catem ellas, que teem muito mais nichos para as esconder e muito mais petrechos em cima do lombo para as transportar e as crear. Não nos faltava mais nada senão aguentar, ainda por cima, com as pulgas d'ellas!

Caçar baratas por caçar baratas, que as cacem ellas, que são da mesma especie, ou pouco falta.

Seja a vida um sonoro beijo. Seja! Seja uma folia. Seja! Vá cada um, de manta ás costas, para o seu lado. Viva o *deboche*! Viva a pandega! Mas com uma condição indispensavel: que se extingam os filhos, as pulgas e as baratas.

Não se extinguem? Então, com licença: quem ha de parir e quem ha de catar as pulgas hão de ser ellas. Ficaremos nós a lavar a loiça, vá lá. Eu transijo n'este ponto, desde que não ha remedio senão fazer-lhes... algumas concessões. Vá lá com trezentos diabos. Mas lá dar á luz, nunca!

Dar á luz, deem ellas. Lavar cueiros, lavem ellas. E que tirem as pulgas dos folhos, das lans e dos bu-racos. Ou então...que vão pr'ó raio que as parta. Pr'ó raio que as parta!

Isto é querer mal ás mulheres, meu amigo, é combater a mulher? Oia... bolas!

Temos conversado.

C.

No proximo numero do *Povo do Aveiro* diremos alguma coisa de Lagos, Moncarapacho, e outras terras donde nos tem vindo correspondencias. Haverá uma secção—*Provincias*—no novo *Povo do Aveiro*.

A GRANDE QUADRILHA

Fica de reserva, como dissemos, a historia dos oito contos de réis da viuva, do roubo no consulado de Santos, do beneficio em favor do Asylo, no *Guarany*, dos 800\$000 reis pelo *bouquêsinho*. Fica de reserva. Isso é muito mais. E muito mais! Que nós sabemos do bandido Cunha e Costa, que tratante de Calcinhas elevou aos fastigos da gloria! Que nós sabemos do bandido Cunha e Costa, como gentilezas semelhantes sabemos dos numerosissimos bandidos que constituem em Portugal a

enorme quadrilha republicana. As informações vão chegando. Nós já sabiamos muito, pelo nosso conhecimento directo, pelo que tinhamos visto e apprendido quando as circumstancias nos puseram em contacto com os miseraveis. Mas era pouco. Com as informações, porém, que vão chegando, ficamos... a verdadeira Torre do Tombo da malandrice republicana!

Um canalha, um grande canalha, canalha-garoto, canalha-litterato, que é a peor especie, como dissemos, do genero canalha, escrevia-nos uma vez a pedir-nos informações do Cunha e Costa, e dizia: «Você, que é a Torre do Tombo da malandrice republicana...»

E' verdade! Mas mal sabia o malandro que nos estava fornecendo... um dos nossos melhores *infolios*!

Mas está bem. Somos a Torre do Tombo da malandrice republicana. E cada vez mais rico... de pergaminhos, de manuscritos, de *infolios*!

Ficará, pois, de reserva, que não faltará occasiões, a historia do roubo do consulado, dos oito contos de réis da viuva, dos oito contos mil reis pelo *bouquêsinho*, do beneficio do Asylo, no *Guarany*, e do banquete de Miramar. Hoje, *retogamos apenas... a historia do abandono d'uns filhos legitimos por seu pae*.

Nós não queriamos tocar n'isto. Não queriamos! E que não queriamos... pelo nosso longo silencio está provado. Mas tanta revolta nos tem causado a insistencia da repugnante gazeta do *souteneur* do França Borges, o porco e infamissimo rufião, sobre o pae do orfão Albino abandonado, que não ha remedio senão o mostrar ao publico mais uma das nodoas dos grandes miseraveis.

Todos os dias presenciemos actos de mais espantoso cynismo da parte dos bandalhos. Já não nos deveriamos admirar nem irritar. Pois ainda nos admiramos!

E' que nunca se viu, nunca, affrontar a justiça e a verdade por uma forma tão descarada.

Esse malandro d'esse França Borges é um verdadeiro rufião. Foi o proprio *Calcinhas* que nos contou a sua historia. *Judicibus* atacava então violentamente na *Folha do Povo* a quadrilha Affonso Costa. N'aquellas occasiões em que o compadre Ginja, o austero compadre Ginja, dizia: «Seja o *Judicibus* quem for, não se pode negar que elle aproveitou os poderes do Affonso Costa e da sua gente com habilidade!»

Judicibus, entre outras coisas, contava que França Borges vivera á custa d'uma meretriz, a qual, por sua vez, dona de casa de prostituição. *Calcinhas*, com aquelles ares de santo patriarcha que todos lhe conhecem, e que fizeram com que Jesus viesse á terra apertar-lhe a mão, dizia-nos um dia, em caminho do Museu d'Anthropologia, em Coimbra, para a quinta dos Sardões: «Não é tanto assim. O França Borges é um rapaz honesto. Teve, sim, amores com essa mulher. E d'ella recebeu varios favores. Mas parece, e eu creio, que nunca recebeu dinheiro!»

Isto é verdade. Os leitores hão de ter visto que nunca dizemos senão a verdade. No fundo, só a verdade. Pode, n'um ou n'outro ponto, ás vezes, haver um ou outro pequeno erro de detalhe, ou porque a nossa memoria, aliás muito boa, entre tantas coisas, novas e velhas, não falhe de repente, ou por menos precisão nas informações que nos fornecem. Mas, no fundo, subsiste sempre a verdade. Nunca damos curso a uma informação sem vermos se ha n'ella visos de verdade.

Ora confirmando o proprio *Calcinhas* a versão relativa a França Borges, e sendo de rigorosa verdade o abandono a que Cunha e Costa lançou filhos e mulher para fugir para o Brazil com uma grande desavergonhada, imaginem os leitores que descaro, que audacia affrontosa, que cynismo revoltante não denuncia o *Mundo* a atirar todos os dias com o orfão Albino á cara do padre Mattos!

E' espantoso! Tartufo nunca foi tão hypocrita, nunca foi tão cynico, nunca desceu tão baixo!

Mas parece e eu creio, dizia Calcinhas, que nunca recebeu dinheiro. Talvez não. Almoçava, jantava e... dormia. Casa, cama e mesa. Não recebia em dinheiro. Recebia em género!

Nós temos a esse respeito as mais rigorosas, as mais preciosas, as mais interessantes informações, que ficam também, por enquanto, de reserva. Sahirão a publico na ocasião opportuna. Quando se tornar necessario. Neste momento basta dizer que o Mundo não é conhecido nos centros revolucionarios senão pelo orgão da Margarida das Flores.

Uma das virtudes muito gabadas por Calcinhas em França Borges era a gratidão. Quem um dia lhe dá de comer, fica alli com um rafeiro para toda a vida. E' só açula-lo. Elle atira-se, e atira-se com raiva. Atassalha furiosamente. Nasceu para cão de quinta, o desavergonhado! Calcinhas extasiava-se deante d'essa virtude.

Ora, dada tamanha virtude, está-se a ver a influencia da Margarida das Flores sobre o bandido. E, d'ahi, o Mundo ser conhecido entre os revolucionarios, que de tudo troçam intimamente, n'aquelles desrespeitos jacobinos, que fizeram sempre o horror da gente grave, pelo... orgão da Margarida das Flores. E, d'ahi também, a explicação de muitos factos, por outra forma incompletamente explicados. O Mundo faz chantage. Toda a gente o sabe. E o Leandro ali está para o provar. Como rapaz honesto, França Borges não recebe dinheiro de ninguém. Quem recebe... é a administração da gazeta. São negocios d'administração. Tratam-se com a administração. França Borges não tem nada com isso!

O Leandro não pagou nada ao França Borges. Nem se entendeu com França Borges. Os communicados, a entrevista com o advogado da Rua do Crucifixo, e tudo o mais, foi puro negocio... administrativo.

O Mundo ora defende, ora ataca, calorosamente, os moageiros. Nunca é negocio com o França Borges! O França Borges é um rapaz honesto!

to! E' sempre negocio d'administração!

O Mundo nunca ataca a celebre Companhia de Panificação, que produz o pão mais detestavel que se come em capital do mundo civilizado. Questão d'administração!

Quem recebeu dinheiro da Companhia dos Phosphoros não foi o França Borges. Foi o Affonso Costa! O Affonso Costa, n'essas coisas, como aliás em tudo, é mais ousado. E' certo que também elle, em regra, é honesto. Quem faz as suas transacções é quasi sempre o Ribas d'Avellar. Elle não! O Ribas d'Avellar é que se entende com os presos do Limoeiro, é que regateia com os assassinos e ladrões, é que trata com os agentes de heranças, é que deslinda os casos escuros. O serviço que esse honrado homem tem feito ao partido republicano! Só em recrutamento d'assassinos e ladrões! O Ribas d'Avellar é que tem sido o introduzidor dos grandes malandros no partido republicano. E, como se sabe, a grande, a enorme força do partido republicano, vem d'esses malandros. Os malandros ricos dão dinheiro... para a revolução, alem de darem bezerrinhos d'ouro para os os santos, azeite para a lampada do santissimo, e velas de cera para os altares. Os malandros pobres... atiram pedras, atiram lama, fazem assuada e dão facadas. Essa é a grande força, força de combate, força revolucionaria, do partido republicano.

Mundo, pois, faz chantage. Uma pessoa não se entende com o França Borges. Entende-se com a administração. E assim mesmo é mais seguro empregar o Ribas d'Avellar, illustre ornamento do Mundo, alem de alter ego do Affonso Costa, como intermediario. Com o Ribas d'Avellar trata-se a vontade. E elle, como bom procurador, dá o andamento preciso ao negocio.

O Mundo faz chantage. Quer-se uma navalhada n'um homem? E' tanto! Quer-se infamar uma mulher? E' tanto! Não se comprehendia, porém, uma coisa. Ou antes, duas. Que o Mundo fosse tão feroz em ar-

restar, por um lado, mulhieres altamente collocadas, pela lama dos prostibulos; e que o Mundo, por outro lado, fosse o porta-voz, em varias infamias, de prostitutas sem vintem. Estas não pagam. E aquella ferocidade também se não explicava bem por dinheiro. Em regra, maitre chanteur é pulha mas não é feroz. Pois está tudo explicado. A Margarida serve as amigas. E vinga-se nas altas classes... da sua baixa condição.

França Borges, grato, gratissimo, curva a cabeça, e paga assim os beifs, que, se o não salvaram inteiramente da tísica, lhe tem prolongado ao menos a existencia preciosa. Os beifs mais... a cama fofa das duas horas da noite por deante. Sem razão de queixa contra o relento da rua. Até ás duas horas da noite era aquella estafada vida—vida pobre sem deixar, já n'essa epocha, de ser prostituida—do Mundo d'outros tempos. Estavam ambos de serviço!

Cunha e Costa é da mesma especie. Da mesmissima especie. E, por isso, elles se dão bem! A infamia irmana, como se sabe. Eirmana a virtude. Uma creatura virtuosa é profundamente incompativel com uma creatura infame. A virtude só se dá bem com a virtude. A infamia só se dá bem com a infamia.

Cunha e Costa é da mesmissima especie. N'umas coisas é peor. Mas n'outras é melhor. Ficam umas para as outras. Cunha e Costa não é tão canalha. Mas é mais cynico. Assim, quer-nos parecer que o França Borges não era capaz de abandonar os filhos inteiramente, como o Cunha e Costa. Por seu lado, Cunha e Costa não é capaz de encher de lama uma mulher por seis vintem, de photographar no jornal as scenas d'uma alcova, ou de, consciente ou inconscientemente, vingar a Margarida. E' bandido mais alto e mais fino. E' viscondesso. O outro é rufo. Eu conheço os!

Estou mesmo em crer que Cunha e Costa, por si, não falaria tantas vezes no pas do orfão Albino abandonado. Não por sentimento. Mas por

intelligencia. Na sua situação, seria uma grande estupidez. Quero, ainda, acreditar que, algumas vezes, terá feito—n'esse sentido—observações ao Margarido. Mas Margarido, rufo, canalha, e d'uma bruteza a toda a prova, reincide, naturalmente, na estupidez.

Seja como for, a immoralidade é tremenda. E, peor do que a immoralidade, a desvergonha. A immoralidade offende. Mas a desvergonha insulta.

O padre Mattos é, ou não é, pae do orfão Albino. E' pae? Ainda o pode ser por um simples acaso. E um simples acaso não dá a ninguém a certeza da paternidade. Não queremos com isto fazer a menor insinuação a uma mulher desconhecida. Não está no nosso caracter, nem nos nossos habitos. Quem é a mãe do orfão Albino? Ignoramo-lo. Absolutamente. Pode ser que seja uma mulher muito honesta. E oxalá, que o seja. E-o? O padre Mattos é padre. Mas andou mal em abandonar o filho. Muito mal. Não tem desculpa. Mas não o é? Mas não o era? Terrível coisa! Uma mulher deshonesto nunca pode dizer: *este eu aquelle o pae dos meus filhos*. E' um. Qual? Todos estão no direito, embora um, evidentemente, seja o pae, de rejeitar a creança. Neste caso, o padre Mattos não só teria desculpa, como teria praticado um acto legitimo.

Cunha e Costa, porém, em primeiro lugar era casado. Em segundo lugar, era casado com uma senhora honestissima.

Cunha e Costa era casado, era casado com uma senhora honestissima, e devia a essa senhora, ao seu trabalho fatigante, á sua dedicação, á sua carta de bacharel. Não queremos entrar em pormenores, que são terribes. Mas isto, basta.

Cunha e Costa era casado e abandonou inteiramente sua esposa. Inteiramente! Podia-o fazer? Não. Nem á face da lei, nem á face dos homens. Se as proprias adulteras tem direito a alimentos...

Não o podia fazer, e sobretudo, por um motivo. Porque lhe devia os alimentos dos ultimos annos da sua

formatura. O Margarido é vil. E' canalha. E' sujo. E' rufo. Mas n'isso é mais digno. Pulha, vai até á pulhice, até á infamia, na sua gratidão á Margarida. Mas n'isso—demais sendo certo que um canalha nunca conhece bem os limites da dignidade e os limites da canalhice—mas n'isso é mais digno.

Tudo é admittido entre homem e mulher. Todos os favores mutuos, todos os aggraves, todas as injurias. Menos: 1.º que o homem explore a prostituição da mulher; 2.º que o homem abandone á miséria a mulher... que o livrou a elle da miséria.

Mas vá. Façamos esta ultima concessão. Vá... Punhamos um véo nos olhos e uma pedra no coração. Vá. São exquisitas essas relações entre homens e mulheres. Mil coisas, mil nadadas, ammos, despeitos, resentimentos futeis, alteram, não raro, as leis geraes do sentimento. Vá, com Deus ou com o Diabo, que o Cunha e Costa abandonasse á miséria, sem um palavra, sem uma carta, sem uma recordação de longe, uma palavra de bondade, uma carta de piedade, a sua legitima mulher, em plena posse, ella, da sua integridade moral, e com um activo de dedicação esmagador.

Mas os seus filhos? Os seus filhos?... Affronta, isto! Revolta, isto! O grande crime, o crime imperdoavel, o crime de força da quadrilha republicana não está tanto na immoralidade dos actos como na affronta, no insulto das palavras.

Estar a toda, a toda a hora! a lançar em rosto ao padre Mattos o orfão Albino abandonado, um jornal que tem como primeiro redactor um homem que abandonou, não um filho, mas todos os filhos, todos os seus filhos legitimos, filhos authenticos, filhos seus, incontestavelmente seus, é affrontar o publico, é insultar o publico, é ludibria-lo, é escarnec-lo, é cuspi-lo, mas de forma que só a chicote, que só a pontapé poderia lavar-se a affronta, castigar-se a villania.

Ah, que é a mais infame de todas as quadrilhas!

METHODO JOAO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura—18.ª ed., cart. 200 réis, broch.	150
Album, ou livro contendo as lições da Cartilha Maternal em ponto grande	55000
Quadros Parietaes, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões.	65000
Segunda parte—Os Deveres dos Filhos—1.8ª ed., cart., 200 réis, broch.	150
Guia prático e theórico da Cartilha Maternal—1 vol. de 476 pag., compilado por João de Deus Ramos.	150

ESCRITA

Arte de Escripção—cada caderno.	30
Livros de polémica sobre o Método	
A Cartilha Maternal e o Apostolado	500
A Cartilha Maternal e a Crítica	500
Do mesmo auctor:	

LITTERATURA

Campo de Flores—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.ª ed., (esgotado).	700
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga	800

DEPOSITO GERAL

Livraria Ferreira—Rua do Ouro, 432 a 438—LISBOA

Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

DESCONTOS

Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/0.	
Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/0.	
Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/0.	

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

POVO D'AVEIRO

Vende-se
LISBOA—Tabacaria Monico, ao Rocio; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205; Tabacaria Inglesa, Praça do Duque da Terceira 18; Tabacaria Antonio Fernandes, Rua Nova do Almada 46; Kiosque Elegante, Rocio.
—Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59.
PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro 9 e 10.
COIMBRA—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27.
ALCORAÇA—Estabelecimento de Antonio Vazão.

HOTEL CYSNE

BOA-VISTA

RUA DA ALFANDEGA (Junto á Ria)

AVEIRO

Proprietario-Gerente

ANTONIO SIMÕES PEIXINHO

Este antigo e bem conceituado hotel, installado em casa propria e sito em um dos locais mais apraziveis da cidade, recommenda-se pela seriedade e acção do tratamento.

CONTRACTO ESPECIAL PARA HOSPEDES PERMANENTES

COZINHA DE PRIMEIRA ORDEM

TRENS AOS PRINCIPAES COMBOIOS

Endereço telegraphico:

HOTEL CYSNE—AVEIRO

RENTARIA A VAPOR

Nettoyage et Degraissage à sec, de tous les vêtements et ameublements.

Tinge e limpa sem desmanchar, todos os artigos de vestuario, e mobiliario.

LA PARISIENNE

Tinge, limpa e friza PLUMAS

LIMPA E TINGE lúas, tapetes e reposteiros

FABRICA E ESCRITORIO—RUA COSTA CABRAL, 489—PORTO

SUCCURSAL

389—RUA FORMOZA—385

(Em frente da PHOTOGRAPHIA BIEL)

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alentejo e banha da terra, Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos,